

RENCONTRO
literatura

Joaquim Manuel de Macedo

A
Moreninha

Adaptação de
Renata Pallottini

Ilustrações de
Suppa



editora scipione

Gerente editorial

Sâmia Rios

Revisores

Ana Cristina M. Perfetti,
Renato Luiz Tresolavy e
Nair Hitomi Kayo

Coordenadora de arte

Maria do Céu Pires Passuello

Diagramadora

Ana Lucia C. Del Vecchio

Programador visual de capa e miolo

Didier Dias de Moraes



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400

Freguesia do Ó

CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br

e-mail: atendimento@scipione.com.br

2014

ISBN 978-85-262-4153-4 – AL

ISBN 978-85-262-7963-6 – PR

Cód. do livro CL: 734352

1.^a EDIÇÃO

13.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pallottini, Renata

A Moreninha / Joaquim Manuel de Macedo, adaptação de Renata Pallottini. – São Paulo: Scipione, 2001. (Série Reencontro literatura)

1. Romance brasileiro I. Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882. II. Título. III. Série.

01-5313

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira 869.93

SUMÁRIO

<i>Quem foi Joaquim Manuel de Macedo?</i>	5
1. Aposta imprudente	6
2. Fabrício em apuros	11
3. Manhã de sábado	15
4. Falta de condescendência	18
5. Jantar conversado	21
6. Augusto com seus amores	27
7. Os dois escapulários	30
8. Augusto prossequindo	36
9. Dona Ana com suas histórias	41
10. A balada do rochedo	44
11. Travessuras de dona Carolina	47
12. Meia hora debaixo da cama	50
13. Os quatro em conferência	55
14. Pedilúvio sentimental	59
15. Um dia em quatro palavras	62
16. O sarau	66
17. Foi buscar lâ... ..	70
18. Achou quem o tosquiasse	74
19. Entremos nos corações	77
20. Primeiro domingo	80
21. Segundo domingo	83
22. Mau tempo	87
23. A esmeralda e o camafeu	90
Epílogo	95
<i>Quem é Renata Pallottini?</i>	96

QUEM FOI JOAQUIM MANUEL DE MACEDO?

Joaquim Manuel de Macedo nasceu no dia 24 de junho de 1820, no Rio de Janeiro.

Publicou *A Moreninha*, seu primeiro romance, em 1844, no mesmo ano em que se formou em medicina. Pela aceitação obtida junto ao público, é considerado o primeiro romance brasileiro. Muito apreciado na época, até hoje é sucessivamente reeditado.

Macedo foi jornalista, político militante e professor de história e geografia do Brasil no Colégio Pedro II. Sua obra apresenta todo o esquema e desenvolvimento dos romances românticos iniciais: descrição de costumes da sociedade carioca, suas festas e tradições, estilo fluente e leve, linguagem simples, tramas fáceis, pequenas intrigas de amor e mistério e final feliz, com a vitória do amor. Desse modo, foi o autor mais lido do Brasil no final da década de 1840 e início dos anos 1850, até sofrer a concorrência da obra de José de Alencar, *O guarani*, em 1857.

Escritor da classe média carioca, em oposição à aristocracia rural, os romances de Macedo eram povoados de jovens estudantes idealizados, moças casadoiras ingênuas e puras e outros tipos que habitavam a cidade do Rio de Janeiro na época.

Faleceu em 11 de abril de 1882, no Rio de Janeiro.



1

Aposta imprudente

— **B**ravo! — exclamou Filipe, entrando e despindo a casaca, que pendurou num cabide velho. — Bravo! Interessante cena! Porém desonrosa para estudantes do sexto ano de medicina, que deveriam estar trabalhando!

— Temos discurso! Atenção! Ordem! — gritaram a um tempo três vozes.

— Filipe sempre se torna orador depois do jantar... — acrescentou Leopoldo.

— Para fazer poemas satíricos — disse Fabrício.

— Naturalmente — acudiu Leopoldo, que era o dono da casa. — Bocage, quando tomava as suas bebedeiras, descompunha os médicos.

— Estás exagerando... — bocejou Augusto, espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado.

— Como quiserem — continuou Filipe, pondo-se em trajes menores —, posso estar bêbado, mas consigo admirar o meu amigo Fabrício, muito bem-vestido, porém usando a carapuça vermelha e velha do Leopoldo; este aqui escondido dentro de um roupão cor de burro quando foge e sentado numa cadeira tão desconjuntada que, para não cair dela, tem que pôr em ação todas as leis do equilíbrio que estudou no curso; acolá, enfim, o romântico Augusto em ceroulas, com as fral-

das à mostra, estirado em um canapé tão velho que agora mesmo fez com que lembrassem Bocage. Oh! Vossas Senhorias tomam café! Ali, o senhor descansa a xícara azul num pires de porcelana... aquele tem uma chávena com belos labores dourados, mas o pires é cor-de-rosa... e aquele outro, nem uma coisa nem outra... toma café numa tigela sobre um prato...

— Bebedeira! Bebedeira! — gritaram os três.

— Ó moleque! — chamou Filipe, voltando-se para o corredor. — Traz-me café, ainda que seja no bule em que o coaste! Pois creio que, se não fosse pela falta de louça, já o teu senhor mo teria oferecido...

— Bebedeira! Bebedeira!

— Sim — continuou ele —, eu vejo que vocês...

— Bebedeira! Bebedeira!

— Não sei de nós quem mostra...

— Bebedeira! Bebedeira!

Seguiram-se alguns momentos de silêncio e ficaram os quatro estudantes como quem está “jogando o sério”. Filipe não falava, porque sabia o que lhe iriam responder; e eles esperavam vê-lo abrir a boca para gritar-lhe: bebedeira!

Por fim, Filipe exclamou de repente:

— Paz! Paz!

— Ah, já? — disse Leopoldo, que era o mais entusiasmado de todos.

— Filipe é como o galego; perderia tudo para não guardar silêncio durante uma hora.

— Está bem, o passado, passado — disse Filipe. — Vamos a assunto mais sério. Onde vocês vão passar o dia de Sant’Ana?

— Por quê? Tens alguma sugestão?

— Minha avó se chama Ana...

— E?

— Estou habilitado a convidá-los para vir passar a véspera e o dia de Sant’Ana conosco, na ilha de Paquetá.

— Eu vou — disse prontamente Leopoldo.

— Dois! — disse Fabrício.

Só Augusto guardou silêncio.

— E tu, Augusto?

— Eu não conheço a tua avó...

— Ora, ninguém aqui a conhece! E, além do mais, ninguém vai à ilha por causa da avó!

— Ainda que minha avó seja uma velha divertida e tenha muito de seu...

— Que idade tem?

— Sessenta.

— Está ainda fresquinha... Se ela me quisesse, eu me casaria com seus duzentos mil cruzados!

— Ora, deixem a minha avó e pensem na farrá! Então, tu vais, Augusto?

— Não.

— É uma bonita ilha.

— Não duvido.

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa, mas divertida, e no sábado à noite teremos baile. Minhas primas vão; e são bonitas.

— Que me importa? Deixem-me em paz! As moças só me têm feito sofrer.

— Então, tuas primas são bonitas? — perguntou Leopoldo a Filipe.

— A mais velha tem dezessete anos, chama-se Joana, tem cabelos negros, belos olhos da mesma cor e é pálida.

— Hein!? — exclamou Augusto, dando um pulo do canapé. — Então ela é pálida?

— A mais moça, Joaquina, tem dezesseis anos, é loira, olhos azuis, faces rosadas... seios de alabastro... dentes...

— Ai, meus pecados! — exclamou Augusto.

— Mas Filipe, tu disseste que tinhas uma irmã...

— Sim, é uma moreninha de quinze anos.

— Moreninha... — murmurou Augusto. — Oh, céus... uma morena pálida e romântica... uma loira, rosada, olhos

azuis... portanto, clássica... e uma moreninha que deve ser travessa, divertida, interessante... Está decidido, Filipe: vou visitar tua avó!

— Ótimo! Enfim!

— Ouçam... vocês repararam que Fabrício ficou triste e pensativo, desde que se começou a falar nas primas de Filipe?

— Parece que o amigo está enrabichado pela prima Joaquina...

— E tu, Augusto, quererás, porventura, namorar a minha irmã?

— Vou namorar a todas!

— Augusto é incorrigível.

— Não, é romântico!

— Nem uma coisa nem outra... Ele é na verdade um grandíssimo velhaco!

— Como quiserem. Sou inconstante, mas feliz na minha inconstância, porque, apaixonando-me tantas vezes, não chego nunca a amar de uma vez.

— Que horror!

— Pois eu afirmo que segunda-feira estarás voltando de Paquetá loucamente apaixonado por uma de minhas primas.

— Ou por todas!

— Aposto!

— Aceito!

— Venham de lá papel e tinta! Vamos escrever os termos da aposta!

— O que perde quem perder?

— Pagará a todos nós um almoço no Pharoux!

— Não, pagará um camarote na primeira estreia que fizer João Caetano!

— Nem almoço nem camarote: aquele que perder será obrigado a escrever um romance, narrando a história de sua derrota!

Depois de muita discussão, fez-se o documento: